



Quando Judá se torna Israel

When Judah becomes Israel

JOSÉ ADEMAR KAEFER^a

Resumo

Judá não foi desde sempre Israel. Os dois reinos surgiram separados um do outro e somente quando o que convencionamos chamar de Israel Norte (*Bit-Humri*) chegou ao seu ocaso, é que Judá passou a ser Israel. Essa fusão cultural e histórica foi um processo contínuo, mas teve três momentos importantes: com as migrações/fugas de israelitas para Judá, após a derrocada de 732 a.C. e 722/720; com a reforma do rei Josias, quando surge a ideologia do Pan Israel; e na convivência entre os deportados israelitas e judaítas no exílio assírio. No período persa, Judá já será referência para território e Israel para povo. No período persa-tardio, surge o conflito entre a *Jehud Parvak* e a *Shamrayn Medinta* sobre quem é o verdadeiro Israel, conflito que se acirra com a dinastia hasmoneia. Por isso, é incorreto o uso do conceito Reino do Norte e Reino do Sul para ser referir a Israel e Judá.

Palavras-chave: Israel Norte. Judá. Assíria. Deportados.

Abstract

Judah has not always been Israel. The two kingdoms emerged separate from each other and only when, what we have agreed to call Israel North¹ (Bit-Humri), came to its end, did Judah become Israel. This cultural and historical fusion was an ongoing process, but it had three important moments: with the Israelites migrations to Judah, after the overthrow of 732 BC and 722/720; with the reform of King Josiah, when the ideology of Pan Israel emerges; and during the coexistence between the Israeli and Judaites deportees in Assyrian exile. In the Persian period, Judah will already be a reference for territory and Israel for people. In the Persian-late period there arises the conflict between Jehud Parvak and Shamrayn Medinta about who is the real Israel, a conflict that is

¹ Not North Israel.

^a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Paulo, SP, Brasil. Doutor em Sagradas Escrituras, e-mail: jademarkaefer@gmail.com

intensified with the Hasmonean dynasty. Therefore, it is incorrect to use the concept "Northern Kingdom" and the Southern Kindong" to refer to Israel and to Judah.

Keywords: *Israel North. Judah. Assyria. Deportees.*

Considerações iniciais

A Bíblia e assim também os historiadores modernos apresentam Israel e Judá como uma grande entidade, que se formou conjuntamente, e que no decorrer de sua história se dividiu em duas partes (1Rs 12). Contudo, é preciso entender que Israel e Judá surgiram como dois reinos separados e nunca conformaram uma unidade, antes do reinado hasmoneu (134-63), quando Israel já não era mais Israel e Judá não era mais Judá. Essa premissa é fundamental para a compreensão do que pretendemos expor neste artigo.

Israel Norte²

O surgimento de Israel Norte é ainda, em boa parte, uma incógnita. O que se sabe é que nasceu aos poucos no Planalto Central de Canaã, na região conhecida, mais tarde, como o território de Benjamin, que fica um pouco ao sul da montanha de Efraim, entre Betel, Ai e Guilgal. Na Bíblia encontramos memórias antigas que apontam para esta região como local do nascimento de Israel. Referimo-nos, por exemplo, a 1Sm 9,1-(12)14. Nesta unidade bíblica se encontram várias localidades aparentadas morfologicamente: Gibeá de Saul, Gibeá de Benjamin, Gibeá de Elohim, Gebá e Gibeon. Todas se encontram no território de Benjamin e todas têm em comum a raiz *gb'* (montanha). Portanto, segundo o relato bíblico, o princípio de Israel, tendo como cacicado a Saul, poderia ser identificado como "reino da montanha" (KAEFER, 2016, p. 402-426).

O que segue depois de Saul é confuso. Não temos informações extra-bíblicas de Jeroboão I e de seus sucessores. Israel só entra na história com

² Quando nos referimos a Israel Norte, referimo-nos ao Israel antes de 722/720, cuja denominação mais exata seria *Bit-Humri* (Casa de Omri), como é designado pelos assírios até a sua queda. Depois de 722/720, além de continuar um Israel em Samaria e região, provavelmente diferente do Israel de antes, também Judá vai se tornar Israel, que é o tema que estamos a tratar.

Omri, que segundo a narrativa bíblica, toma o poder em Tersa, após matar Zimri, um dos comandantes do exército, que também havia usurpado o poder (1Rs 16,8-22).

Com Omri começa uma dinastia poderosa, que irá governar por cerca de quarenta e dois anos (884-842). Omri, Acab, Ocozias e Jorão serão os reis desta dinastia. Os anos de reinado da dinastia omrida irão ser os anos de maior desenvolvimento de Israel Norte. Pela primeira vez temos informações de fora do mundo da Bíblia, que confirmam a força de Israel neste período.

A arqueologia tem comprovado a expansão do território israelita durante esse período através da presença da arquitetura omrida na construção ou reconstrução de fortalezas, principalmente no estilo das muralhas e dos portões (FINKELSTEIN, 2013, p. 83-105; MENDONÇA, 2015, p. 73-87).³ São dessa época os suntuosos palácios escavados em Megiddo e Samaria, com blocos de cantaria e capitéis de pedras decoradas em estilo proto-eólico, similar ao estilo greco-eólico, que só será conhecido bem mais tarde.

As evidências da expansão omrida também são confirmadas nos artefatos produzidos pelos grandes inimigos de Israel, onde Israel Norte é sempre mencionado como “Casa de Omri” (*Bit-Humri*). São os casos do monólito de Kurkh, de Salmanasar III, que se refere a Acab comandando um exército de duas mil bigas e dez mil soldados a pé (PRITCHARD, 1950, p. 278-279). E da estela de Mesa, onde o rei de Moab declara que a dinastia omrida se apoderou das terras de Moab por quarenta anos (GRESSMAN, 1926/1965, p. 440-441)⁴. E, por último, na estela de Dã, descoberta recentemente (1993/1994), onde Hazael, rei de Aram afirma que Israel havia tomado as terras de seu pai, o rei Hadadezer II ou Ben-Hadad II (BIRAN; NAVEH, 1995, p. 9-13).⁵

Enfim, com os omridas, Israel Norte se torna, pela primeira vez, um Estado independente, capaz de fazer frente aos grandes reinos da época, como Aram (Síria) e Assíria. Israel Norte amplia as fronteiras do seu território: no oeste, até o Mar Mediterrâneo; no norte, até Dã; no leste, sobre Gilead; no

³ Muralhas com fosso, como em Jezrael, Jahaz e Atarauz, e portões de seis câmaras, como em Megiddo, Gezer, Hazor e Jezrael.

⁴ Cf. 2Rs 3,4-5.

⁵ Cf. 1Rs 20-22; 2Rs 6-10; 22,29-38.

sul, sobre Judá, Amon, Moab e Edom, até o porto de Ácaba. É possível que os escribas de Josias, no final do século VII a.C., tenham se inspirado nesta história para elaborar a teoria da Grande Monarquia Unida dos reinados de Davi e Salomão (DE MENDONÇA, 2017).

Hazael e o domínio arameu

Conforme 2Rs 9-10, o último rei da dinastia omrida foi Jorão, que foi morto por Jeú, comandante do seu exército⁶. Fato é que, após a subida de Jeú ao poder, Israel Norte fica reduzido praticamente ao território da Samaria, sendo os demais territórios dominados por Hazael (2Rs 10,32-33). Provavelmente Israel Norte e Judá se tornaram vassalos de Aram e lhe pagavam tributo (2Rs 12,18-19; 13,3). Com Jeú, outra casa assume o poder em Israel Norte. Jeú é da casa de Nimsi, uma poderosa família conhecida na Bíblia (2Rs 9,2.14) e que teve sua base na cidade de Rehov⁷ (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2007; KAEFER, 2016, p. 39-48).

Quanto tempo durou o domínio arameu sobre Israel e Judá e com que intensidade é difícil saber exatamente. O que se sabe é que havia um constante conflito entre Aram e Assíria, principalmente no tempo do rei Salmanasar III (858-824), como constata a famosa batalha de Qarqar, em 853 a.C., entre a Assíria e uma coalizão coordenada por Aram e Israel.

Jeroboão II e a relação com o império assírio

Depois da morte de Jeú (842-814), seu filho Joacaz (814-800) e seu neto Joás (800-788) reinam em seu lugar. Durante o reinado de Joás acontece um forte desenvolvimento econômico e político da Assíria, que começa a tomar os territórios de Aram. Um dos grandes responsáveis pelo crescimento político assírio é o rei Adad-Nirari III (810-783). Israel, então, torna-se independente do domínio arameu e passa a ser vassalo assírio. Essa mudança foi positiva para Israel Norte, pois lhe possibilita retomar o controle sobre antigos territórios que lhe haviam sido tomados pelos arameus (2Rs 13,3-5). É então que sobe ao

⁶ Segundo a estela de Dã, com a ajuda de Hazael, rei de Aram.

⁷ Situada no centro do Vale de Betsã, a três quilômetros do rio Jordão.

trono Jeroboão II, o mais longo reinado da história de Israel Norte (788-747). Apesar de o redator deuteronomista tratar o reinado de Jeroboão II muito negativamente, ele não pode esconder a dimensão das suas conquistas: “Jeroboão fez restabelecer as fronteiras de Israel desde a entrada de Hamat até o mar de Arabá” (2Rs 14,25a). Isto é confirmado também pelos escritos encontrados em Kuntillet ‘Ajrud, como visto acima. Ou seja, Jeroboão II restabelece, em boa parte, as fronteiras do antigo território omrida, que mais tarde são atribuídas a Salomão (1Rs 5,1; 8,65).

Prova disso são os 63 ôstracos desse período encontrados nas escavações de Samaria, em 1910. Estes ôstracos registram a existência de um sofisticado sistema de cobrança de tributo destinado à Samaria e pago pelos donos de terras, cujos nomes constam nos referidos ôstracos (REISNER, 1920).

O império assírio

A morte de Jeroboão II, coincide com a subida ao poder do rei assírio Tiglat-PileserIII (745-727)⁸, que, como Hazael, chegou ao trono como usurpador. Tiglat-PileserIII retoma uma ideologia impressa por Salmanasar III, fundamentada no domínio universal do Deus Assur, que havia se tornado o chefe supremo do panteão sumério, destronando a Enlil. Assur era o Deus de todas as terras e o rei assírio era considerado a extensão do poder de Assur. Essa ideologia, Assur-rei-expansão-domínio, está expressa no ritual de coroação do rei assírio: “rei das quatro direções”. Tiglat-Pileser III foi o primeiro a exigir esse título, depois de Salmanasar III, quase cem anos depois (ASTER, 2017, p. 12-14). O império assírio faz uso desta ideologia para impor seu domínio universal, sem precedentes. Ao norte chega até Urartu (Armênia); ao oeste, até o mar;⁹ ao leste, em direção ao Elam (Irã); ao sul, até as fronteiras do Egito.

Depois de conquistar Damasco (734-732), Tiglat-PileserIII avança em direção ao território de Israel e vai tomando suas cidades, uma após outra (2Rs

⁸ Conhecido em documentos babilônios por Pul.

⁹ O primeiro interesse assírio é a conquista do território arameu, tendo em vista o acesso ao mar e, conseqüentemente, ao rico comércio marítimo do oeste.

15,29). Grandes sítios arqueológicos, como Hazor, revelam que a cidade desse período foi totalmente queimada. Somente Samaria não foi atacada, mas seu reino ficou reduzido à região montanhosa da Samaria. Os anais assírios falam de 13.500 pessoas deportadas (NA'AMAN, 2000). A conquista assíria do território israelita em 732 irá mudar para sempre a história do reino vizinho Judá, como veremos mais adiante.

A queda da Samaria, fim de Israel Norte

Após a morte de Tiglat-Pileser III, Salmanasar V (727-722) assume o poder em seu lugar. Nesse ínterim, aproveitando-se da transição de poder na Assíria, o rei laubidi de Hamat, uma província anexada de Aram, localizada junto ao rio Orontes, cerca de 210 km ao norte de Damasco, organiza contra a Assíria uma coalizão de províncias sírias, à qual se somou Samaria. Depois de derrotar a coalizão de laubidi, em Qarqar, Salmanasar V se volta para Samaria do rei Oseias, que nesse tempo, segundo 2Rs 17,4, havia se aliado ao Egito. Salmanasar V mandou prender Oseias e conquistou a cidade. Também as crônicas da Babilônia atribuem a Salmanasar V a conquista da Samaria. Contudo, um relevo do palácio de Khorsabad, na Assíria, atribui a conquista a Sargon II (ELAYI, 2017, p. 47-48). Uma solução para estas duas informações incongruentes seria que Salmanasar V teria iniciado a conquista e Sargon II (720-705) a levado a cabo (NA'AMAN, 1990, p. 206-225). Só que para isso se teria que mudar a data da conquista para 720. Ou, então, que teria havido uma segunda revolta, em função do vácuo de poder após a morte de Salmanasar V.

A migração/fuga de Israel Norte para Judá e a primeira fusão cultural

Com as conquistas e deportações assírias, houve uma grande debandada de Israel Norte para Judá. A prova disso é o enorme incremento populacional, tanto na cidade de Jerusalém, quanto no interior de Judá (FINKELSTEIN, 2008, p. 499-515). Ainda que haja quem defenda que esse aumento tenha acontecido devido à migração da população da costa do

Mediterrâneo para o interior de Judá (FAUST, p. 2015, p. 765-789; NA'AMAN, 2007, p. 21-56), não nos parece dúvida de que o grande contingente é oriundo tanto da capital Samaria, quanto das áreas interioranas de Israel Norte. Apesar de que a maior leva deva ter ocorrido após a queda da Samaria, 722/720, é provável que ela já tenha começado com as conquistas assírias em 732. Além disso, é de se imaginar que Judá tenha sido apenas um dos destinos dos fugitivos, o mais próximo. Outros grupos devem ter se deslocado para o Egito (Jr 24; 44), Moab, Edom etc., territórios que não haviam sido anexados pelos assírios.

Os relatos bíblicos parecem calar a respeito dessa fuga populacional de Israel Norte para Judá (SCHÜTTE, 2012, p. 57). Isso parece intencional, pois, também não há menção aos deportados/assentados da Assíria para o território judaíta, principalmente na região entre Gezer e Hadid, como se verá mais adiante. Talvez os relatos, como os de Os 9,1-6; Am 2,4-6; Mq 2,7;3,1.9-12 etc., sejam reflexos desse contexto de deportação e fuga.

Enfim, entendemos que o deslocamento em massa da população israelita tenha sido uma das razões do enorme incremento populacional e avanço econômico que Judá atingiu nesse período. Outro fator foi a integração de Judá na ampla rede comercial assíria. Tudo isso conduziu Judá a um estágio de desenvolvimento jamais alcançado antes.

É de se imaginar que dentre os migrantes estivessem técnicos, escribas, engenheiros etc., um corpo de profissionais muito mais qualificado do que aquele que havia em Judá. Teria, então, a escrita se desenvolvido nesse tempo em Judá, como parecem supor os livros proféticos mais antigos, como Oseias e Amós, Primeiro Isaias, parte da historiografia etc.? É possível que sim. Ela teria se desenvolvido, principalmente, a partir das tradições trazidas de Israel Norte. Os escribas de Judá e de Israel Norte terão, então, iniciado a integração das duas histórias dos dois reinos.

Parece-nos que aqui aconteceu o primeiro e, talvez o maior, momento de integração populacional e cultural entre Israel e Judá. Inclusive, é de se supor que os israelitas tivessem influenciado sobremaneira a rebelião de Judá contra a Assíria em 704 a.C. Isso, em nosso entender, explicaria o porquê da revolta judaíta, uma vez que Judá foi enormemente favorecida pela política do

império assírio, e não haveria razão para se rebelar. A incitação dos refugiados israelitas, que alimentavam um grande ódio contra os assírios, conduziu o governo de Ezequias à revolta. Aliás, segundo 2Rs 21,19, a nora do rei Ezequias e mãe do rei Amon, seu neto, era natural de Jatbah, uma localidade de Israel Norte, o que poderia ser uma prova da presença em Jerusalém de ricas famílias provindas de Israel Norte (SCHNIEDEWIND, 2011, p. 105-115).

Se assim, então é possível que a presença de engenheiros israelitas tivesse contribuído na reforma da muralha de Jerusalém para fazer frente aos assírios. Sabe-se da fama da alta tecnologia da engenharia de Israel na construção de fortalezas, muralhas, fossos etc., desde os tempos da dinastia omrida (DE MENDONÇA, 2017)¹⁰. Caso a citar é o impressionante sistema de águas de Megiddo construído pelos engenheiros israelitas, provavelmente durante o reinado de Jeroboão II. Sua larga experiência pode ter sido muito útil na escavação do famoso túnel de Ezequias (2Rs 20,20), que tinha o objetivo de abastecer a cidade diante de um eminente cerco assírio. Nesse mesmo sentido, a probabilidade da participação da engenharia israelita na construção da grande muralha de Laquis, principal cidade judaíta depois de Jerusalém (2Rs 18,13-14.17), que foi edificada nesse período (SCHÜTTE, 2012, p. 58).

Este foi, portanto, o início e o momento mais importante da fusão histórica e cultural entre Israel Norte e Judá. Alguns fatores certamente foram determinantes para tornar possível essa integração: a proximidade territorial, onde, para a população em geral, as fronteiras não eram bem definidas ou nem existiam; o fator língua, falava-se a mesma língua em Israel e Judá,¹¹ com alguma possível diferença no sotaque (Jz 12,5-6; FREVEL, 2018, p. 397-426); o longo e quase permanente domínio de Israel Norte sobre Judá, o que levava a uma contínua presença de funcionários de um no reino na capital de outro reino; e, por fim, a crença nos mesmos Deuses, com a predominância de Javé, o Deus nacional, com possível diferença na forma de culto de um santuário (Samaria, Betel) para outro (Jerusalém).

¹⁰ Texto em publicação.

¹¹ Assim como nos reinos vizinhos, como mostra a análise epigráfica da estela moabita do rei de Mesa.

Josias e a ideologia do Pan Israel

O segundo momento mais intenso da fusão aconteceu no reinado do rei Josias (640-609). Ainda que o poder econômico de Judá durante o reinado do Josias fosse bem inferior ao do período de Ezequias, a reforma josiânica (2Rs 22-23) teve um papel teórico muito maior do que a de Ezequias. Foi com Josias que se introduziu a ideia do Pan Israel, com o engrandecimento da dinastia davídica, a ponto de se tornar um marco na história de Judá e na literatura bíblica. É de se compreender que por trás desta ideologia houvesse um projeto político expansionista da realeza de Jerusalém. Para sedimentar esse projeto foi realizada uma reforma religiosa, na qual teve participação determinante a família dos Safã. Ela marca presença constante, desde o achado do referido livro em 2Rs 22,8-10, onde o nome Safã é citado nada menos que oito vezes, até o ocaso do reino, com a conquista babilônica. A família exercia o papel preponderantemente de escriba ou de secretário da corte (Jr 26,24; 29,3; 36,10.11.12.25; 39,14; 40,5.9.11; 41,2; 46,3). Seus descendentes aparecem sempre citados como filho de Safã (*Ben Safan*). Pela pesquisa recente feita nos ostracos de Arad, pela equipe do Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, houve um incremento grande no desenvolvimento da escrita em Judá durante esse período.

O projeto expansionista de Josias não teve êxito. Ainda que, conforme 2Rs 23,15.19-20.29, por um curto período, Josias talvez tenha conseguido estender seu domínio até Megiddo. Se assim, então, pela primeira vez na história, Judá terá reinado sobre parte do território do antigo Israel. Exitoso ou não, a ideologia do Pan Israel criada pelos ministros de Josias sobreviveu e se consolidou, ao ponto de ser plenamente assimilada pela literatura bíblica posterior. De maneira que, a função da reforma de Josias foi mais ideológica do que de fato. Contudo, ela foi determinante para as gerações futuras assimilarem a história de um Israel único.

Israelitas e judaítas no exílio assírio¹²

O contato que se estreitou entre Israel Norte e Judá com a migração para o sul após a tomada da Samaria, também parece ter acontecido com relativa intensidade entre os deportados israelitas e judaítas. Como visto acima, com Tiglat-Pileser III (744-727) se instaura um novo modelo político na Assíria, que se caracteriza pela anexação dos territórios conquistados e deportação ou reassentamento de parte de sua população. Os anais assírios mostram um intenso movimento de transladação de pessoas de um lugar para outro. Os lugares conquistados eram repovoados por populações de outras regiões, num movimento circular: os habitantes do território A eram removidos para o território B, que eram removidos para o território C, que eram removidos para o território A etc. Tudo fazia parte de um projeto de assiriarização da população e de seus territórios.

Um fator importante a considerar no processo de integração entre os deportados reassentados é de que as deportações de israelitas ou samarianos, como são chamados pelos assírios, e judaítas, aconteceram muito próximas cronologicamente. Para os israelitas houve dois momentos marcantes: as deportações após a derrocada da Samaria em 732, com Tiglat-Pileser III, e, depois, com a conquista e anexação da Samaria em 720/22, com Sargon II, quando, conforme a estela de Nimrud, foram deportadas 27.280 pessoas (ELAYI, 2017, p. 50-51). A maior leva desta deportação, segundo os anais assírios, teria começado somente a partir de 716. Para os judaítas, a deportação aconteceu após a derrocada de Ezequias em 704, com Senaquerib. Portanto, num espaço de menos de trinta anos, três grandes fases de deportação. E um espaço de dez a quinze anos separa a deportação de samarianos e judaítas. E, pelo visto, ambos os grupos foram reassentados para os mesmos lugares.

O texto bíblico que pode servir de referência acerca dos locais para onde os israelitas foram deportados é 2Rs 17. Convém, antes, apontar que, com bastante probabilidade, os v. 7-23 desse capítulo, que tratam da causa da ruína de Israel Norte, com forte ênfase no culto praticado lá, sejam acréscimos. Portanto, o v. 24 deve ser continuação do v. 6. O primeiro (v. 6) trata dos

¹² Agradeço às conversas com Cecília Toseli. Veja seu artigo neste número.

lugares para onde os israelitas foram deportados: “ No ano nono de Oseias tomou o rei da Assíria a Samaria e deportou Israel para Assíria e os fez habitar em Halah e em Habor, junto ao rio Gozan, e cidades dos Medos”; e o segundo (v. 24), dos lugares de onde vieram os deportados para a Samaria: “E trouxe o rei da Assíria de Babilônia, de Cutah, de Avá, de Hamat e de Sefarvaim”. Todos esses eram territórios novos que Sargon II havia conquistado. Ou seja, a política assíria, após uma nova conquista, era o deslocamento da população de um território recentemente conquistado para outro.

Estrangeiros deportados para Israel e Judá

Há um grande debate entre os pesquisadores a respeito do real investimento assírio em Israel e Judá após a conquista e sobre o número dos deportados (GADOT, 2017, p. 103-113; FAUST, 2011, p. 62-86). A tendência é de que o número de estrangeiros trazidos era bem menor do que o de israelitas e judaítas deportados.

Pelo que demonstram os resultados arqueológicos, a região mais ao norte, como a alta Galileia, depois de conquistada foi abandonada. O maior número de assentamentos se concentrou na região entre Gezer e Hadid, ao sul da encosta da Samaria. Ali foi encontrada a maior parte dos textos administrativos do governo assírio (ASTER; FAUST, 2015, p. 292-308). A importância dessa área se deu, provavelmente, por sua localização próxima à chamada Via Maris, tanto para o controle da via, quanto para a manutenção de tropas militares a servir de base avançada para impedir a mobilidade de tropas egípcias na região. Além de ser um território muito fértil, entre a baixa e a alta Sefelá, a presença permanente do exército assírio garantia segurança para a população. Por isso, o maior assentamento de colonos estrangeiros parece ter ocorrido nesta área. Era também ali que se reunia o tributo anual que vinha dos vassallos dos territórios do sul, como Gaza, Asquelon e Asdod, e dali era enviado em grandes caravanas para a Assíria (FAUST, 2015, p. 765-789; ASTER; FAUST, 2015, p. 292-308).

No plano citadino, o maior investimento assírio ocorreu nas cidades da Samaria, Megiddo, Dor, Dan e talvez Ako, que se tornaram as novas províncias

do governo assírio (YOUNGER, 1998, p. 205-206). As escavações em Samaria e Megiddo revelam poucos sinais de destruição das cidades. Segundo registros assírios, Sargon II teria reconstruído Samaria, tornando-a maior do que antes: “Eu repovoei Samaria mais do que antes. Eu trouxe para dentro dela pessoas de países que conquistei com minha mão” (ELAYI, 2017, p. 50-51). Um corpo de trezentos carros de guerra ficava estacionado em Samaria. Além disso, Sargon II incorporou tropas israelitas no exército assírio: “Eu formei uma unidade com duzentas das suas bigas para a minha força real” (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p. 211-212). Megiddo também demonstra grande desenvolvimento no período do domínio assírio, após 722/720. Boa parte da atual vista preservada e que sobressai no Tel Megiddo pertence ao estrato assírio. Prova, portanto, da intensa presença assíria neste sítio.

A vida dos deportados

A mesma incerteza referente ao número da população estrangeira deportada para dentro de Israel e Judá existe quanto ao número de deportados para fora, como alude 2Rs 17,6. Os lugares mencionados em 2Rs 17,6 são conhecidos. Provavelmente a grande maioria dos deportados, tanto dos samarianos, quanto, um pouco mais tarde, dos judaítas, teve como destino a Assíria Central. Os colonos eram assentados em áreas produtivas, onde constituíam aldeias ou ajuntamentos, com relativa liberdade. Parece que os clãs/aldeias aparentados eram assentados no mesmo lugar, tanto pela necessidade de sobrevivência social, quanto pelo rendimento produtivo. Isso, por sua vez, permitia a preservação da memória, língua, procedência etc. Boa parte dos homens acabava integrando o exército assírio (KIEFER, 2005, p. 56-64).

Como já mencionado, entre os samarianos havia também muita mão de obra especializada, principalmente no ramo da engenharia. Em função disso, Sargon II parece ter se utilizado dessa mão de obra para a construção dos projetos do Estado, como é o caso da construção da sua cidade, no sítio conhecido por Dur-Sharrukin “a fortaleza de Sargon”, cerca de 20 km a nordeste de Nínive. A nova capital era um complexo de vários edifícios para a realza e para os oficiais do exército, entre eles o palácio de Sargon II. Uma

correspondência desse período, bastante danificada, faz referência à participação de deportados samarianos na construção desta cidade (ALBENDA, 2003, p. 5-13).¹³

Deportações de Judá

Senaquerib (705-681) manteve a política assíria de deportação e até a intensificou. Depois da desastrosa campanha do rei Ezequias, Judá ficou reduzida a um pequeno território e grande número de sua população foi deportado (FINDELSTEIN, 1994, p. 169-187). Um texto bíblico que parece refletir bem a política de subjugação e deportação de Senaquerib é 2Rs 18,31-32:

Não escuteis a Ezequias, eis que assim diz o rei da Assíria: Façam comigo a bênção e saiam até mim e coma cada homem da sua cepa e cada homem da sua figueira e beba cada homem água de seu poço. *Até que eu chegue e tome vocês até uma terra como a terra de vocês, terra de cereais e mosto, terra de pão e vinhas, terra de oliveira e mel, e vivereis e não morrereis.*¹⁴ E não escuteis a Ezequias, eis que ele incita vocês dizendo: 'Javé nos libertará'.

Ou seja, o texto dá a entender que após a conquista, a população era deportada e assentada no campo, onde pudesse cultivar a terra e viver de sua produção. Senaquerib relata assim a submissão de Ezequias após seu triunfo sobre a coalisão:

Quanto a Ezequias, o judaíta, que não se submeteu ao meu jugo, sitiei 46 das suas cidades fortificadas, fortalezas e as inúmeras pequenas aldeias vizinhas, e as conquistei ... Eu arranquei 200, 150 pessoas, jovens e idosos, homens e mulheres, mulas, jumentos, camelos, gado grande e pequeno, além da conta, e considerei-os saque (PRITCHARD, 1950, p. 287).

Essa descrição é similar ao quadro em baixo-relevo que Senaquerib mandou fazer em seu palácio para retratar a conquista de Laquis (KAEFER, 2012, p. 41-44), última cidade tomada antes de negociar a rendição da capital Jerusalém.

¹³ Após a morte de Sargon II, seus sucessores mudaram a residência da realeza novamente para Nínive e Nimrud.

¹⁴ O grifo é nosso.

Enfim, Israel Norte e Judá tiveram o mesmo fim, foram conquistados e deportados para uma terra distante. Porém, a memória da terra e da cultura de ambos se manteve viva e cada vez mais unificada.

As relações dos deportados com sua terra de origem

A integração que aconteceu entre israelitas e judaítas em Jerusalém depois da queda da Samaria se manteve ou até se intensificou entre os deportados. É provável que entre os deportados judaítas por Senaquerib estivessem também israelitas que haviam migrado do norte e se integrado a Judá. E que tivessem sido assentados nos mesmos lugares para onde foram levados os samarianos.

Da mesma forma, é muito provável que os deportados mantivessem contato relativamente grande com sua terra natal. Esse contato acontecia principalmente via autoridades de Judá e de Samaria, denominados embaixadores, que anualmente viajavam para a capital assíria para entregar os altos tributos, receber domesticação e jurar fidelidade. O encontro anual no palácio do rei era o meio mais eficaz de transmitir a ideologia assíria aos seus vassalos, que por sua vez os repassavam aos seus subalternos (ASTER, 2017, p. 11-18). É possível também que houvesse alguma expectativa dos exilados de uma futura volta,¹⁵ que, aos poucos, foi se transformando numa tradição da volta do exílio de Israel Norte¹⁶. É possível ainda que, anos mais tarde, essa tradição tenha influenciado a volta dos exilados da Babilônia.

No exílio da Babilônia ainda é possível perceber alguma diferença entre representantes de Israel Norte e Judá. Pelo menos é o que dá a entender o livro de Ezequiel. O narrador deixa transparecer a convivência de dois grupos entre os exilados da Babilônia: um representando os anciãos da casa de Judá (Ez 8,1.17) e outro representando a casa de Israel (8,11-12; 14,1; 20,1). Textos posteriores já não fazem distinção entre os dois reinos. Em Is 40-66, o conceito Israel/Jacó já é uma menção a uma única entidade conjunta. Judá é apenas uma referência geográfica (SCHÜTTE, 2012, p. 61). Totalmente diferente, portanto,

¹⁵ Há textos nos livros de Isaías e Jeremias que parecem fazer referência a isso (cf. Is 11,11-13; Jr 3,6-13.18.19-25; 31,1-22; 2,4; 18,11.6; 23,8; 2Rs 17,28).

¹⁶ Tema da tese de doutorado de Cecilia Toseli, UMESp, 2020, em elaboração.

dos livros dos 1 e 2 Reis, onde Israel e Judá aparecem como dois reinos distintos, com seus territórios delimitados.

Israel e Judá no período persa.

Como é sabido, a administração persa foi diferente da dos impérios que a precederam. As deportações, pelo menos no que se refere a Judá e Samaria, não faziam parte da estratégia política persa, o que permite que os exilados voltem e Jerusalém seja reconstruída. Contudo, é importante ter em mente que a Judá do período persa não é mais a mesma Judá do período assírio. Sessenta anos se passaram. Os que retornam não são os que foram para o exílio, os que vivem em Judá, não são os mesmos que ficaram quando Jerusalém foi tomada. Ademais, o número dos que voltaram e quem realmente participou da reconstrução, que foi lenta e demorada, é difícil de saber. Judá agora é denominada de *Jehud Parvak* “Província de Judá” (LIPSCHITS; VANDERHOOF, 2011). As informações de Esdras e Neemias sobre o início da reconstrução provavelmente refletem uma realidade bem mais tardia da que consta nos dois livros (FINKELSTEIN, 2018).

Da mesma forma, a Samaria do período persa não é mais a mesma de antes de 720 a.C., ainda que boa parte de sua cultura, inclusive religiosa, deva ter sido preservada (LEITH, 2014, p. 267-304). Ela agora é denominada de *Shamrayn Medinta*, mas continua forte e mais importante para o domínio persa que Judá. É possível, também, que nesse período inicial na relação entre Samaria e Jerusalém não existisse a tensão que os livros de Esdras e Neemias relatam. Essa tensão é provavelmente reflexo do conflito que se forma com a dinastia hasmoneia, a partir de 135 a.C., quando Judá se torna um Estado independente e começa uma política expansionista e conquistadora, que tem seu ápice na destruição do templo samaritano no monte Gerizim, em 128 a.C. Com a dinastia hasmoneia, Jerusalém retoma a ideologia do Pan Israel, introduzida pelo rei Josias, só que agora sem a ênfase do protagonismo davídico, pois, os hasmoneus não eram da descendência davídica. É, também, quando se intensifica a disputa sobre quem é o verdadeiro Israel. Ou seja, nesse período, o conceito Judá como sendo Israel já está consumado. É

provável que nasça, então, com os hasmoneus, a expressão “filhos de Israel” (*benei Israel*), em paralelo com o conceito “hebreus” (Gn 1,13; 39,14.17; 40,15; 41,12; 43,32; Ex 1,15.19; 2,6.11.13), possivelmente um pouco mais antigo. Enquanto que em Os 2-4 há uma clara distinção entre “filhos de Judá” e “filhos de Israel”, em Ex 2,1-13; 2,23-24; 3,9 etc., os “filhos de Israel” representam um só povo. Assim, também a expressão “anciãos de Israel” (Ex 3,16) irá significar um grupo de um só povo. De aí em diante, Judá passou a ser referência a um território e o povo passou a ser denominado Israel. Com isso, o passado histórico de dois povos se constituiu num só.

Considerações finais: porque Israel Norte e não reino do norte

Se não houve monarquia unida, também não houve dois reinos, Reino do Norte e Reino do Sul. Israel e Judá surgiram como dois reinos separados e nunca formaram uma unidade. Enquanto existiu, Israel Norte sempre foi mais poderoso econômica e politicamente que Judá. E, em dois períodos, reinou sobre Judá: durante o reinado da dinastia omrida e durante o reinado Jeroboão II. Judá só despontou a partir de 732 a.C., quando Israel Norte foi derrocado pela Assíria e seu território drasticamente reduzido, e, principalmente, a partir de 722/720, quando Samaria foi conquistada, tornando-se território anexado da Assíria.

Com a conquista da Samaria, o reino de Israel, que denominamos de Israel Norte, mais precisamente a Bit-Humri, chega ao seu fim, ainda que parte de sua população nativa continue vivendo, na agora chamada de Província da Samaria, com sua cultura e crença. Porém, grande parte da população migra/foge para Judá. A população camponesa para o interior e a elite para a capital Jerusalém. Entre estes últimos, escribas e mão de obra especializada, que trazem consigo a cultura e a história de Israel Norte. Acontece, então, o primeiro e mais importante momento de fusão cultural entre Israel e Judá.

O segundo momento aconteceu durante o reinado de Josias, que, com intuito de conquistar os territórios do norte, criou a ideologia do Pan Israel. A partir de então, Israel passou a ser uma nomenclatura para designar uma unidade territorial, dividida em dois reinos, de um só povo e de uma só religião.

A fusão da cultura e da história de Israel Norte e Judá vai acontecendo também entre os deportados israelitas e judaítas, que foram assentados nos mesmos territórios assírios, e num espaço de tempo muito curto. De forma que, no exílio babilônico a distinção entre os dois reinos quase não existe mais.

Já no período persa, Judá passa a ser apenas referência a um território (*Jehud Parvak*), assim como a Samaria (*Shamrayn Medinta*), mas o povo agora se chama Israel. Esse Israel, contudo, não é o mesmo Israel de antes de 722/720, assim como Judá, não é mais a mesma Judá de antes do exílio babilônico. O Israel, que convencionamos chamar de Israel Norte (*Bit-Humri*), desapareceu em 722/220. O que restou de sua memória está contido nas tradições bíblicas e nos artefatos descobertos pela arqueologia. Portanto, o uso das expressões “Reino do Norte” e “Reino do Sul” deveria ser extinto em nossos escritos bíblicos.

Referências

ALBENDA, P. Dur-Sharrukin, the Royal City of Sargon II, King of Assyria. *CSMS — Canadian Society for Mesopotamian Studies*, v. 38, p. 5-13, 2003.

ASTER, S.-Z. *Reflections of Empire in Isaiah 1-39 – Responses to Assyrian Ideology*. Atlanta: SBL, 2017.

ASTER, S.-Z.; FAUST, A. Administrative Texts, Royal Inscriptions and Neo-Assyrian Administration in the Southern Levant: The View from the Aphek-Gezer Region. *ORIENTALIA*, v. 84,3, p. 292-308, 2015.

BIRAN, A.; NAVEH, J. The Tel Dan Inscription: A New Fragment. *Israel Exploration Journal*, v. 45, p. 9-13, 1995.

DE MENDONÇA, É. V. S. *A Dinastia Omrida: Bíblia e Arqueologia do Primeiro Estado Israelita*. Tese (Doutorado em Teologia) — UMESP, São Bernardo do Campo, 2017.

DE MENDONÇA, E. V. S. Samaria – Padrão da Arquitetura Omrida para Israel Norte. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 02, p. 73-87, 2015.

ELAYI, J. *Sargon II, King of Assyria*. Atlanta: SBL, 2017.

FAUST, A. Settlement, Economy, and Demography under Assyrian Rule in the West: The Territories of the Former Kingdom of Israel as a Test Case. *Journal of the American Oriental Society*, v. 135, n. 4, p. 765-789, 2015.

FAUST, A. The Interests of the Assyrian Empire in the West: Olive Oil Production as a Test-Case. *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, v. 54, p. 62-86, 2011.

FINKELSTEIN, I. *Hasmonean Realities behind Ezra Nehemiah and Chronicles*. Archaeological and Historical Perspectives. Atlanta: SBL Press, 2018.

FINKELSTEIN, I. The Archaeology of the Days of Manasseh. In: KING, F. J.; COOGAN, M. D.; EXUM, J. C.; STAGER, L. E. *Scripture and Other Artifacts: Essays on the Bible and Archaeology in Honor OF Philip J. King*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1994. p. 169-187.

FINKELSTEIN, I. *The Forgotten Kingdom*. The archaeology and history of Northern Israel. Atlanta: SBL Press, 2013.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. New York: The Free Press, 2002.

FINKELSTEIN, I. The Settlement History of Jerusalem in the eighth and seventh Centuries BC. *RB*, v. 115, p. 499-515, 2008.

FREVEL, C. Was Aram an Empire? A kind of a shibboleth-question. *Semítica*, Paris, v. 60. Paris, p. 397-426, 2018.

GADOT, Y. The Iron I in the Samaria Highlands: A Nomad Settlement Wave or Urban Expansion? In: LIPSCHITS, O.; GADOT, Y.; ADAMS., M. J. *Rethinking Israel. Studies in the history and archaeology of ancient Israel in honor of Israel Finkelstein*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2017. p. 103-113.

GRESSMAN, H. *Altorientalische Texte zum Alten Testament*. Berlin/Leipzig: 1926/1965. p. 440-441.

KAEFER, J. A. À procura de Saul! Uma análise de Primeiro Samuel 9-(12)14. *Horizonte*, v. 42, p. 402-426, 2016.

KAEFER, J. A. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.

KAEFER, J. A. *Arqueologia das terras da Bíblia II*. São Paulo: Paulus: 2016.

KIEFER, J. *Exil und Diaspora: Begrifflichkeit und Deutungen im antiken Judentum und in der hebräischen Bibel*. ABG 19. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2005.

LEITH, M. J. W. Religious Continuity in Israel/Samaria: Numismatic Evidence. *Orbis Biblicus et Orientalis*, v. 267, p. 267-304, 2014.

LIPSCHITS, O.; VANDERHOOF, D. S. *The Yehud Stamp Impressions: A Corpus of Inscribed Impressions from the Persian and Hellenistic Periods in Judah*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2011.

MAZAR, A.; PANITZ-COHEN, N. It is the Land of Honey: Beekeeping at Tel Rehov. *Near Eastern Archaeology*, Jerusalém, v. 70, 2007.

NA'AMAN, N. The Historical Background to the Conquest of Samaria (720BC). *BIB*, v. 71, p. 206-225, 1990.

NA'AMAN, N. The Number of Deportees from Samaria in the Nimrud Prisms of Sargon II. *N.A.B.U.*, v. 1, 2000.

NA'AMAN, N. When and How did Jerusalem become a Great City. *BASOR*, v. 347, p. 21-56, 2007.

PRITCHARD, J. B. (ed.). *The Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. New Jersey: Princeton University Press, 1950.

REISNER, G. A. Israelite Ostraca from Samaria. *Palastinian expedition*. Boston: Harvard University, 1920.

SCHNIEDEWIND, W. M. *Como a Bíblia tornou-se um livro*. São Paulo: Loyola, 2011.

SCHÜTTE, W. Wie wurde Juda israelitisiert? *ZAW*, Walter de Gruyter, v. 124, p. 52-72, 2012.

YOUNGER, K. L. The Assyrian Economic Impact on the Southern Levant in the Light of Recent Study. *Israel Exploration Journal*, v. 65, p. 179-204, 2015.

RECEBIDO: 08/06/2020
APROVADO: 29/07/2020

RECEIVED: 08/06/2020
APPROVED: 07/29/2020